

AINOR FRANCISCO LOTÉRIO

OS FILÓSOFO DO ESTOICISMO

Do Pórtico ao Altar

Da Stoa Antiga ao Estoicismo Contemporâneo,
e a Travessia da Filosofia à Fé pela Agrosafia

*“Eles buscaram, com uma nobreza que me comove,
o que a nós foi dado de graça.”*

Camboriú, Santa Catarina

PAZ E BEM

SUMÁRIO

Do Pórtico ao Altar

PRIMEIRA PARTE | O CAMINHO

Por que percorri os estoicos

Por que terminei em Cristo

SEGUNDA PARTE | OS FILÓSOFOS

I. Estoicismo antigo, os escolarcas

II. Discípulos, dissidentes e mestres da primeira geração

III. A segunda e a terceira gerações

IV. Estoicismo médio

V. Estoicismo romano ou imperial, as quatro vozes maiores

VI. Mestres, teóricos e testemunhas do período imperial

VII. A oposição estoica ao principado

VIII. A transmissão antiga, fontes e críticos

IX. A recepção cristã e medieval

X. O neoestoicismo, séculos XVI e XVII

XI. A herança moderna, séculos XVII a XIX

XII. O estoicismo contemporâneo, séculos XX e XXI

XIII. Correções e advertências sobre atribuições duvidosas

TERCEIRA PARTE | A DOCTRINA E O FRUTO

XIV. O arcabouço doutrinário

XV. Transmissão e fortuna

XVI. Ressonâncias do estoicismo no pensamento agrosófico brasileiro

SOBRE O AUTOR

*“Não são as coisas que perturbam os homens,
mas os juízos que os homens formam sobre as coisas.”*

EPICETETO, Encheirídion, V

PRIMEIRA PARTE

O Caminho

POR QUE PERCORRI OS ESTOICOS

Há vinte e três séculos, um comerciante chamado Zenão perdeu um navio carregado de púrpura no mar Egeu. Chegou a Atenas sem nada. Entrou numa livraria, ouviu ler um livro sobre Sócrates, perguntou onde encontrar homens como aquele, e alguém apontou para a rua. Zenão seguiu o dedo apontado e nunca mais voltou ao comércio. Anos depois diria que fizera uma boa viagem justamente quando naufragara.

Comecei por essa história porque ela explica o resto. O estoicismo não nasceu numa academia, nasceu de uma perda. Nasceu de um homem que ficou sem carga e descobriu que ainda tinha alma. E é por isso que o levantamento que apresento adiante, dos escolarcas gregos aos praticantes de hoje, dos papiros carbonizados de Herculano à terapia cognitiva de nossos dias, não é erudição fria. É o registro de uma linhagem de gente que precisou aprender a viver bem em condições que não escolheu.

O QUE FOI A STOA ANTIGA

Zenão passou a ensinar sob um pórtico pintado, à beira da praça, ao alcance de quem passasse. Não havia muro, não havia matrícula. Stoá, em grego, quer dizer pórtico. Daí o nome. A escola era literalmente uma varanda aberta para a rua, e esse detalhe arquitetônico é uma tese filosófica. A verdade que não serve na praça não serve.

Sob aquele pórtico se elaborou um sistema completo de mundo. Não apenas conselhos de resignação, como muitos pensam hoje, mas uma lógica, uma física, uma teologia, uma teoria política. Comparavam a filosofia a um pomar, e eu, agrônomo, sempre me demorei nessa comparação. A lógica é o muro que protege. A física é a terra e as árvores. A ética é o fruto. Ninguém come o muro, ninguém come a raiz. Mas sem muro e sem raiz não há fruto nenhum.

Depois de Zenão vieram Cleantes, que carregava água à noite para pagar os estudos, e Crisipo, que escreveu setecentos tratados dos quais quase nada restou. Depois Panécio e Posidônio levaram a doutrina a Roma. Depois vieram os quatro que ainda hoje se leem, Sêneca, o cortesão obrigado a morrer, Musônio, o exilado, Epicteto, o escravo coxo, e Marco Aurélio, o imperador. Um poderoso e três feridos. A filosofia que sustenta o trono e o cativo com as mesmas palavras merece atenção.

QUE CAUSAS ELES ABRAÇARAM

Abraçaram primeiro a causa da liberdade interior. Ensinararam que existe uma linha invisível dividindo o mundo em duas metades. De um lado, o que depende de nós, o juízo, a decisão, o desejo, a resposta. De outro, o que não depende, o corpo, a doença, a reputação, a morte, a chuva que cai ou não cai sobre a lavoura. O sofrimento nasce quando queremos governar a segunda metade e abandonamos a primeira. Toda a sabedoria consiste em devolver cada coisa ao seu campo.

Abraçaram a causa da virtude como único bem. Não a saúde, não o dinheiro, não o aplauso, coisas boas de ter, indiferentes ao valor da vida. Só a prudência, a justiça, a coragem e a temperança fazem um homem bom, e quem tem uma tem todas, porque não há justiça covarde nem coragem imprudente.

Abraçaram a causa da fraternidade humana. Hiércles ensinou que cada um de nós está no centro de círculos concêntricos, o eu, a família, os vizinhos, a cidade, a humanidade. E que o trabalho moral de uma vida inteira consiste em puxar os círculos de fora para dentro, até tratar o estrangeiro como se fosse irmão. Foi um estoico quem primeiro disse que somos cidadãos do mundo.

Abraçaram a causa da dignidade dos humildes. Musônio Rufo, no primeiro século, sustentou que as mulheres devem estudar filosofia igualmente aos homens, que as filhas devem ser educadas como os filhos, que não se deve

expor recém-nascidos, e que o trabalho da terra é a mais digna ocupação do filósofo. Escrevi essa frase e parei diante dela. Um romano do ano setenta dizendo que o filósofo deveria lavrar. Reconheci ali, com espanto, algo muito parecido com o que venho chamando de Agrosafia.

E abraçaram a causa da morte serena. Não por desprezo da vida, mas por amor a ela. Sêneca dizia que ninguém aproveita o dia que não sabe que é o último possível.

QUE BEM FAZEM AOS NOSSOS DIAS

Vivemos um tempo de ansiedade epidêmica. As pessoas adoecem de futuro. Sofrem antes que aconteça, e depois sofrem de novo pelo que passou. O estoicismo diz uma coisa simples e severa. Não são as coisas que perturbam os homens, mas os juízos que os homens formam sobre as coisas.

Essa frase, escrita por um escravo chamado Epicteto, fundou no século vinte a terapia cognitiva. Albert Ellis e Aaron Beck reconheceram a dívida. Milhões de pessoas hoje são tratadas de depressão e de ansiedade com um método cuja origem é o Manual de um coxo que ensinava sob um telhado em Nicópolis. Um almirante americano atravessou sete anos e meio de tortura no Vietnã com aquele Manual na memória.

Isso é o que chamo de Inteligência Orientada. A capacidade de governar o pensamento antes que ele se converta em emoção, e a emoção em ruína. Não é frieza. É pastoreio da alma.

Serve ao dirigente cooperativo que precisa decidir sem raiva. Serve ao pai que precisa ser firme sem ser duro. Serve ao produtor rural diante da estiagem, do preço, da praga. Serve à mulher que carrega três gerações nos ombros. Serve a quem envelhece e não sabe o que fazer com o tempo que sobra.

*Entre o estímulo e a resposta existe sempre um espaço.
Nesse espaço está a nossa liberdade.*

POR QUE ME DEI A ESTE TRABALHO

Fiz este levantamento por três razões, e a terceira é a verdadeira.

A primeira é de ofício. Sou filósofo por formação e por vício de origem, e um filósofo tem obrigação de conhecer a casa em que mora. Quem fala de virtude sem ter lido Crisipo fala de ouvido.

A segunda é de gratidão. Encontrei nos estoicos companhia. Descobri que a angústia depois de uma boa palestra, aquela dúvida que vem quando as luzes se apagam e ficamos sozinhos com o que dissemos, já tinha nome no primeiro século. Marco Aurélio a escrevia à noite, numa tenda de campanha, entre duas batalhas, num caderno que nunca pretendeu publicar.

A terceira é a que me move de fato. Percorri o pórtico para chegar ao altar.

POR QUE TERMINEI EM CRISTO

Um homem não escolhe onde termina. Ele descobre, no meio do caminho, que já estava indo para lá desde o começo.

Percorri os estoicos com respeito e com afeto. Sentei-me no pórtico de Zenão, carreguei água à noite com Cleantes, li o caderno que Marco Aurélio escreveu na tenda entre duas batalhas. Encontrei ali homens de uma nobreza que me comove. Mas terminei em Cristo. E preciso explicar por quê, sem tirar deles nada do que lhes é devido, e sem esconder nada do que descobri.

O QUE OS ESTOICOS ME DERMAM

Deram-me disciplina do pensamento. Ensinararam-me que entre o que acontece e o que faço existe um espaço, e que nesse espaço está a liberdade. Ensinararam-me a distinguir o que depende de mim do que não depende, e a não gastar a vida chorando pela chuva que não veio.

Deram-me coragem diante da morte, temperança diante da abundância, constância diante da injustiça. Deram-me Musônio dizendo que o trabalho da terra é a mais digna ocupação do filósofo, e eu, agrônomo, reconheci ali um irmão de vinte séculos atrás.

Deram-me Hiércles e seus círculos concêntricos, o eu, a família, a comunidade, a humanidade, e o dever de puxar os de fora para dentro até tratar o estrangeiro como irmão. Reconheci nisso a raiz mais antiga do cooperativismo que meu pai, Auri Fábio Lotério, praticou fundando a CRAVIL sem nunca ter lido um grego.

Tudo isto é verdadeiro. Nada disto basta.

ONDE ELES PARARAM

Um dia, lendo Marco Aurélio pela enésima vez, percebi uma coisa que me atravessou. Ele escrevia para si mesmo. Não havia mais ninguém.

O homem mais poderoso do mundo, imperador de Roma, senhor de legiões, escrevia à noite num caderno destinado a nenhum leitor porque não tinha a quem se dirigir. A natureza dos estoicos é providente, é racional, é ordenadora. Encadeia as causas com uma sabedoria que nos ultrapassa. E não te chama pelo nome.

Ali está o limite exato. Eles subiram até a última porta e não sabiam que era uma porta. Pensaram que era parede.

Sêneca escreveu páginas sublimes sobre a eternidade e não conheceu o Eterno. Epicteto ensinou a aceitar o destino, e nunca soube que o destino tinha rosto. Zenão naufragou e disse que fizera boa viagem, e não sabia quem o salvara do mar.

A Stoa alcançou a resignação. Não alcançou a gratidão. Porque só se agradece a Alguém.

COMO A AGROSOFA ME LEVOU ATÉ LÁ

Foi a terra que me ensinou isso, antes dos livros.

Passei a vida entre lavouras. Extensão rural na Acaresc e na Epagri, quatro décadas de estrada de chão, de café na cozinha do agricultor, de conversa no terreiro. Reflorestei uma encosta na Comunidade Rural do Braço com garapuvu e ipê. E foi ali, plantando árvores cuja sombra não vou usar, que a filosofia estoica se mostrou pequena.

Porque um estoico entende a semente. Ele a explica pelo logos spermatikos, a razão seminal que ordena a matéria. É uma bela doutrina, e é verdadeira até certo ponto. Mas o agricultor sabe outra coisa, que nenhum grego escreveu. O agricultor sabe que ele não fez a semente.

Ele preparou o solo, ele abriu a cova, ele regou. E depois esperou. E o que aconteceu na escuridão da terra, entre o depositar e o brotar, não foi obra sua. Foi dom. Todo lavrador honesto, quando vê o primeiro par de folhas rompendo a crosta, sente uma coisa que não é orgulho. É espanto. E o espanto diante do que recebemos sem merecer tem um nome antigo. Chama-se gratidão. E a gratidão, levada até o fim, chama-se fé.

Foi isso que a Agrosafia me deu, e que nenhum tratado poderia dar. A Agrosafia não é uma filosofia sobre a agricultura. É a descoberta de que a agricultura já era uma filosofia, e mais do que isso, era uma teologia disfarçada de trabalho.

*Onde a Stoa dizia viver conforme a natureza,
a Agrosafia diz viver conforme a Criação.*

Uma palavra de diferença, um mundo de diferença. Porque se há Criação, há Criador. Se há Criador, há Pai. E se há Pai, então o destino não é apenas para ser aceito com dignidade. É para ser recebido com amor.

O estoico enfrenta a estiagem sem se abalar. O agrosófico enfrenta a estiagem de mãos postas. Não porque seja mais fraco. Porque sabe que não está sozinho no campo.

O QUE CRISTO ACRESCENTOU

Os estoicos me ensinaram a governar o pensamento. Cristo me ensinou a entregar o coração.

Os estoicos me ensinaram a suportar a perda com firmeza. Cristo me disse que o grão de trigo que cai na terra e morre é justamente o que produz muito fruto. Aquilo que a Stoa suportava, o Evangelho fecunda.

Os estoicos me deram os círculos concêntricos de Hiérocles, exercício mental de aproximar o distante. Cristo respondeu à pergunta sobre quem é o meu próximo, e a resposta não foi um círculo. Foi um homem caído à beira da estrada de Jericó, e um samaritano que desceu do animal.

Os estoicos alcançaram a apátheia, a ausência de perturbação. Cristo não prometeu isso. Chorou diante do túmulo de Lázaro, sabendo que iria ressuscitá-lo. Aquelas lágrimas desmontam vinte e três séculos de sabedoria grega. Deus chorou, e não por fraqueza.

Epicteto disse que não são as coisas que nos perturbam, mas os juízos que delas formamos. É verdade. E é insuficiente. Porque entre o estímulo e a resposta existe o espaço da liberdade, sim. Mas nesse mesmo espaço, e isto os estoicos jamais puderam saber, está também a graça.

A virtude estoica é conquista. A santidade cristã é dom acolhido. Um se ganha com esforço. O outro se recebe de joelhos.

POR QUE FILOSOFIA E TEOLOGIA NÃO SÃO DUAS GAVETAS

Não estudei filosofia e depois teologia como quem faz dois cursos e pendura dois diplomas. Estudei filosofia porque a existência me interrogava. E cheguei à teologia porque a filosofia, honestamente percorrida até o fim, sem atalhos e sem covardia, entrega a pergunta a Alguém.

A filosofia é a minha existência. A teologia é o destino dessa existência. Uma pergunta. A outra é a resposta que veio ao encontro antes mesmo de eu perguntar.

Por isso, quando fui ordenado Diácono Permanente em 2003, não abandonei nada do que havia aprendido. Levei tudo comigo. Levei Zenão, Crisipo, Epicteto, Marco Aurélio. Levei a agronomia, a extensão rural, o cooperativismo, a política. Levei quarenta anos de estrada. Nenhuma dessas coisas foi descartada no altar. Todas foram assumidas.

O Evangelho não destrói a filosofia. O Evangelho a cumpre. Como o fruto não destrói a árvore, mas revela para que ela existia.

A ALIANÇA PLENA

A minha vida se assenta sobre um triângulo que não inventei, apenas reconheci. Deus, invisível e primeiro, o Criador. Eu mesmo. E a companheira de vida, Ana Maria. As duas entidades visíveis configurando a pessoa ao longo dos dias, preparando-a para o encontro definitivo com a primeira. É o que chamo de aliança plena.

Nenhum estoico teria compreendido inteiramente esse triângulo. Marco Aurélio agradece à esposa, no primeiro livro dos Pensamentos, e depois volta a escrever sozinho. A Stoa não tinha lugar teológico para o amor conjugal, nem para a paternidade como via de santificação. Tinha apenas dever.

Eu tenho Ana Maria. Tenho Aínor Manoel e Lucas Manuel. Tenho Daniele Zambiasi e Letícia Silveira, que os filhos me trouxeram. Tenho Helena, Maria e Luiza. Não são deveres. São a forma concreta com que Deus me esculpe, dia após dia, para o encontro.

PAZ E BEM

Foi por isso que percorri vinte e três séculos de filósofos. Não por erudição. Não para colecionar nomes. Percorri o pórtico para chegar ao altar. E descobri, no fim do caminho, que o altar já me esperava desde o começo, e que os gregos, sem saber, estavam caminhando na mesma direção, tateando no escuro aquilo que a nós foi dado à luz do dia.

Eles buscaram com uma nobreza que me comove o que nos foi dado de graça.

E é por isso que planto árvores cuja sombra não vou usar. Um estoico não entenderia inteiramente. Um cooperativista entende. Um pai entende. Um avô de três netas entende. Um cristão entende.

Porque não plantamos para nós.

Plantamos porque recebemos.

SEGUNDA PARTE

Os Filósofos

I. ESTOICISMO ANTIGO, OS ESCOLARCAS

Séculos IV a II antes de Cristo. A Stoa nasce em Atenas por volta de 300 a.C., sob o Pórtico Pintado, e mantém sucessão regular de mestres por quase dois séculos.

ZENÃO DE CÍTIO (c. 334 a 262 a.C.)

Época: séculos IV e III a.C., funda a escola por volta de 300 a.C.

Obras principais: A República (Peri Politeias) e Sobre a Vida Conforme a Natureza

Fundador da escola. Nascido em Cítio, no Chipre, filho do comerciante fenício Mnaseias, chegou a Atenas por volta dos vinte e dois anos, segundo a tradição após um naufrágio que lhe custou a carga de púrpura. Estudou com o cínico Crates de Tebas, com o megárico Estilpo, com o dialético Díodoro Crono e com os acadêmicos Xenócrates e Polemon. Ensinava sob o Pórtico Pintado, Stoá Poikíle, que deu nome à doutrina. A República descrevia uma comunidade de sábios sem templos, tribunais nem moeda. Dele vem a tripartição do saber em lógica, física e ética, a teoria da representação compreensiva, katalêptikê phantasía, e a fórmula do fim último, viver em concordância com a natureza. Recebeu de Atenas uma coroa de ouro e sepultura pública no Cerâmico.

CLEANTES DE ASSOS (c. 331 a 232 a.C.)

Época: séculos IV e III a.C., segundo escolarca a partir de 262 a.C.

Obras principais: Hino a Zeus e Sobre o Princípio Diretor da Alma

Dirigiu a escola por trinta e dois anos. Antigo pugilista, trabalhava à noite carregando água e amassando farinha para pagar os estudos, o que lhe valeu o apelido de Frear, e a fama de segundo Hércules. O Hino a Zeus é o texto estoico mais longo que sobreviveu integralmente do período antigo. Deu à física estoica um tom religioso, identificando o logos divino ao fogo criador e localizando o hegemônico do cosmo no Sol. Sustentou a doutrina da tensão, tónos, do pneuma como fundamento da virtude. Morreu por inanição voluntária, aos noventa e nove anos.

CRISIPO DE SOLOS (c. 279 a 206 a.C.)

Época: século III a.C., terceiro escolarca a partir de 230 a.C.

Obras principais: Sobre as Paixões (Peri Pathon) e Investigações Lógicas (Logika Zetemata)

O verdadeiro sistematizador. Dizia-se na antiguidade que, se não houvesse Crisipo, não haveria Stoa. Escreveu mais de setecentos tratados, quase todos perdidos, dos quais restam fragmentos e um papiro carbonizado de Herculano com as Investigações Lógicas. Desenvolveu a lógica proposicional, os cinco indemonstráveis, a teoria dos incorpóreos e do lekton, antecipando em muitos séculos aspectos da lógica moderna. Elaborou a teoria das causas, a distinção entre causas perfeitas e auxiliares, a doutrina do destino compatível com a responsabilidade moral, a analogia do cilindro, a análise das paixões como juízos falsos e a doutrina das eupátheiai, as boas afecções do sábio.

ZENÃO DE TARSO (século III a.C.)

Época: século III a.C., quarto escolarca a partir de 206 a.C.

Obras principais: tratados perdidos, conhecidos apenas por menção doxográfica

Discípulo de Crisipo e seu sucessor imediato. Escreveu pouco. Manteve as linhas doutrinárias do mestre, mas suspendeu o juízo a respeito da conflagração universal do cosmo.

DIÓGENES DA BABILÔNIA, OU DE SELÊUCIA (c. 230 a 150 a.C.)*Época: século II a.C., quinto escolarca**Obras principais: Sobre a Voz (Peri Phones) e Sobre a Música*

Discípulo de Crisipo. Integrou a célebre embaixada filosófica a Roma em 155 a.C., junto com o acadêmico Carnéades e o peripatético Critolau. Foi por ele que o estoicismo entrou de fato no mundo latino. Dedicou-se à música, à retórica, à gramática, à teoria do signo e à adivinhação. Reformulou o fim ético como o bom raciocínio na seleção das coisas conforme a natureza.

ANTÍPATER DE TARSO (falecido c. 130 a.C.)*Época: século II a.C., sexto escolarca**Obras principais: Sobre o Dever e Sobre o Casamento*

Debateu com o cético Carnéades sobretudo por escrito, o que lhe rendeu na antiguidade o epíteto de clamador de caneta. Refinou a definição do telos, defendeu a santidade do casamento, elaborou o caso do negociante de trigo em Rodes, discutido depois por Cícero, e desenvolveu a doutrina dos deveres cotidianos. Introduziu a analogia do arqueiro, que faz tudo o que está em seu poder para acertar o alvo, sem que o acerto seja o bem.

II. DISCÍPULOS, DISSIDENTES E MESTRES DA PRIMEIRA GERAÇÃO

ARISTON DE QUIOS (século III a.C.)*Época: século III a.C.**Obras principais: Similitudes (Homoia) e Diálogos Contra a Dialética*

Discípulo dissidente de Zenão, chamado o Sereno e a Sereia. Rejeitava a física e a lógica, reduzindo a filosofia à ética, e mesmo desta excluía os preceitos particulares. Negava os indiferentes preferidos, sustentando indiferença absoluta diante de tudo que não fosse virtude. Sustentava que a virtude é uma só, variando apenas na relação. Aproximava-se do cinismo.

HERILO DE CARTAGO (século III a.C.)*Época: século III a.C.**Obras principais: Sobre o Fim e Introdução Ética, ambas perdidas*

Outro dissidente de Zenão. Colocava o conhecimento, epistême, como fim supremo da vida, e não a virtude, distinguindo entre um fim último e um fim subordinado.

DIONÍSIO DE HERACLEIA (c. 328 a 248 a.C.)*Época: século III a.C.**Obras principais: escritos perdidos, conhecidos por Diógenes Laércio*

Discípulo de Zenão, chamado o Trânsfuga ou o Apóstata. Acometido de oftalmia dolorosíssima, concluiu que a dor era mal e abandonou o estoicismo pelo hedonismo cirenaico. Serviu por séculos como exemplo polêmico da fragilidade do rigor doutrinário.

PÉRSIO DE CÍTIO (c. 306 a 243 a.C.)*Época: século III a.C.**Obras principais: Sobre a Realeza e Diálogos Socráticos, perdidas*

Discípulo predileto e concidadão de Zenão. Enviado pelo mestre à corte de Antígono Gónatas da Macedônia, atuou como conselheiro e tutor real. Morreu na defesa da fortaleza do Acrocorinto, tomada por Arato de Sición.

FILÔNIDES DE TEBAS (século III a.C.)

Época: século III a.C.

Obras principais: nenhuma preservada

Discípulo de Zenão, enviado com Pérsio à corte macedônica de Antígono Gónatas.

ATÉNODORO DE SOLOS (século III a.C.)

Época: século III a.C.

Obras principais: nenhuma preservada

Discípulo de Zenão de Cítio, irmão do poeta Arato de Solos, autor dos Fenômenos, poema astronômico de forte coloração estoica que abre invocando o Zeus dos estoicos.

CALIPO DE CORINTO, POSIDÔNIO DE ALEXANDRIA E ZENÃO DE SÍDON, O ESTOICO

Época: século III a.C.

Obras principais: nenhuma preservada

Discípulos de Zenão de Cítio arrolados por Diógenes Laércio. O Zenão de Sídon aqui referido não é o epicurista homônimo do século I a.C.

ESFERO DO BÓSFORO (c. 285 a 210 a.C.)

Época: século III a.C.

Obras principais: Sobre a Constituição Lacedemônia e Sobre Licurgo e Sócrates

Discípulo de Zenão e de Cleantes. Foi a Esparta, onde se tornou mentor do rei Cleômenes III, influenciando as reformas sociais e a restauração da agogé. Depois viveu em Alexandria, na corte de Ptolomeu Filopátor. Escreveu ainda sobre a semente e sobre as sensações.

ARISTOCREONTE (séculos III e II a.C.)

Época: séculos III e II a.C.

Obras principais: nenhuma, dedicatário e não autor

Sobrinho de Crisipo, destinatário de várias de suas obras, ergueu-lhe estátua em bronze com epigrama.

DIÓTIMO, O ESTOICO (século III a.C.)

Época: século III a.C.

Obras principais: panfletos contra Epicuro, perdidos

Acusado de forjar cartas obscenas atribuídas a Epicuro, no calor da polêmica entre as escolas. Foi condenado à morte por Zenão, o epicurista de Sídon.

APOLÓFANES (século III a.C.)

Época: século III a.C.

Obras principais: Física, perdida

Estoico da primeira geração, amigo de Ariston. Sustentava que a única virtude é a prudência.

III. A SEGUNDA E A TERCEIRA GERAÇÕES

APOLODORO DE SELÊUCIA (século II a.C.)

Época: século II a.C.

Obras principais: Introdução às Doutrinas (Eisagoge eis ta Dogmata) e Ética

Discípulo de Diógenes da Babilônia. Seus manuais de física e de ética foram amplamente consultados pelos doxógrafos e são fonte direta de Diógenes Laércio. De tendência cinizante, definia o cinismo como o caminho breve para a virtude.

ARQUEDEMO DE TARSO (século II a.C.)*Época: século II a.C.**Obras principais: Sobre os Elementos (Peri Stoicheion) e Sobre a Voz*

Discípulo de Diógenes e de Antípater. Fundou uma escola estoica na Babilônia. Formulou o fim como o cumprimento de todos os deveres. Trabalhou a fundo a teoria da linguagem.

BÓETO DE SÍDON, O ESTOICO (século II a.C.)*Época: século II a.C.**Obras principais: Sobre a Natureza e Sobre o Destino, perdidas*

Discípulo de Diógenes da Babilônia. Negou que o cosmo seja um ser vivo e rejeitou a conflagração universal, aproximando-se de posições peripatéticas. Distinga-se do peripatético homônimo, comentador de Aristóteles, com quem a doxografia frequentemente o confunde.

CRATES DE MALOS (século II a.C.)*Época: século II a.C.**Obras principais: Correção de Homero (Diorthosis Homerou) e Sobre a Anomalia*

Chefe da biblioteca de Pérgamo, gramático de orientação estoica. Defendeu a anomalia da linguagem contra a analogia dos alexandrinos, aplicou a alegorese estoica a Homero e construiu um dos primeiros globos terrestres. Levou a filologia estoica a Roma em 168 a.C., onde, imobilizado por uma perna quebrada, deu as primeiras lições de gramática aos romanos.

BÁSILIDES, EUDROMO, DIÓGENES DE PTOLEMAIDA, POLEMON E EUFRANOR DE SELÊUCIA*Época: séculos III e II a.C.**Obras principais: Elementos de Ética, de Eudromo, perdida. Dos demais, nada resta*

Nomes menores da Stoa antiga tardia, conhecidos por fragmentos e menções doxográficas. Eufranor fundou a chamada escola dos duvidosos.

BLOSO DE CUMAS (século II a.C.)*Época: século II a.C.**Obras principais: nenhuma preservada*

Estoico italiano, discípulo de Antípater de Tarso, conselheiro e amigo de Tibério Graco. Depois do assassinio do tribuno, uniu-se à revolta de Aristônico em Pérgamo e suicidou-se após a derrota. Encarna a leitura política radical do estoicismo, oposta à leitura conservadora que Panécio ofereceria à aristocracia romana.

IV. ESTOICISMO MÉDIO

Séculos II e I antes de Cristo. A doutrina se abrandou, entra em Roma, e a escola ateniense se dissolve com as Guerras Mitridáticas.

PANÉCIO DE RODES (c. 185 a 110 a.C.)*Época: século II a.C., sétimo escolarca**Obras principais: Do Dever (Peri tou Kathekontos) e Sobre a Serenidade da Alma*

Abrandou o rigor da doutrina para adaptá-la à mentalidade pragmática da aristocracia romana. Frequentou o Círculo dos Cipiões, acompanhando Cipião Emiliano em embaixada ao Oriente. Rejeitou a conflagração universal, afirmando a eternidade do mundo, negou a adivinhação, atenuou a figura inacessível do sábio e valorizou o progresso moral do prokóptôn. Introduziu a doutrina das quatro personae, os quatro papéis que constituem a identidade moral de cada um, a natureza humana comum, o temperamento próprio, as circunstâncias e a escolha deliberada. Do Dever é a fonte principal do De Officiis de Cícero.

POSIDÔNIO DE APAMEIA (c. 135 a 51 a.C.)

Época: séculos II e I a.C.

Obras principais: *Sobre as Paixões (Peri Pathon)* e *Histórias, em cinquenta e dois livros*

O maior polímata da escola. Filósofo, historiador, geógrafo, astrônomo, matemático, sismólogo, etnógrafo. Discípulo de Panécio, fundou escola em Rodes, onde foi mestre de Cícero e recebeu Pompeu. Serviu como pritano de Rodes e embaixador em Roma. Mediu a circunferência da Terra, estudou a influência da Lua sobre as marés do Atlântico, calculou distâncias astronômicas. Reintroduziu elementos platônicos e aristotélicos na psicologia estoica, admitindo faculdades irracionais na alma contra Crisipo. Desenvolveu a doutrina da *sympátheia* universal, a solidariedade orgânica de todas as partes do cosmo, e defendeu a adivinhação como consequência dela.

HECATÃO DE RODES (século I a.C.)

Época: século I a.C.

Obras principais: *Sobre os Deveres* e *Sobre as Virtudes*

Discípulo direto de Panécio. Escreveu ainda *Sobre os Bens* e *Sobre os Paradoxos*. Discutiu o conflito entre o útil e o honesto, e o caso da tábua de salvação no naufrágio. Fonte constante de Sêneca e de Cícero. Dele vem a sentença que Sêneca cita, de que o remédio contra o desejo de ser amado é amar.

MNESARCO DE ATENAS (c. 160 a 85 a.C.)

Época: séculos II e I a.C.

Obras principais: *nenhuma preservada*

Discípulo de Panécio, liderou a escola ateniense após a morte do mestre, defendendo a ortodoxia contra as objeções da Academia Nova. Ouvido por Cícero e por Antíoco de Ascalão.

DÁRDANO DE ATENAS (c. 160 a 85 a.C.)

Época: séculos II e I a.C.

Obras principais: *nenhuma preservada*

Contemporâneo de Mnesarco, com quem compartilhou a liderança da Stoa ateniense no início do século I a.C., período em que a instituição se dissolve, no contexto das Guerras Mitridáticas e do saque de Atenas por Sila em 86 a.C. A partir daí o estoicismo deixa de ter sede única e se difunde por Rodes, Alexandria, Tarso e Roma.

DIÓDOTO, O ESTOICO (falecido em 59 a.C.)

Época: século I a.C.

Obras principais: *nenhuma preservada*

Mestre e amigo de Cícero. Viveu anos na casa do orador, onde continuou a ensinar lógica, geometria e música mesmo depois de cego. Morreu deixando Cícero por herdeiro. Foi dele que Cícero recebeu a formação dialética que atravessa toda a sua obra filosófica.

ANTÍPATER DE TIRO (falecido c. 45 a.C.)

Época: século I a.C.

Obras principais: *Sobre o Dever, perdida*

Amigo íntimo de Catão, o Jovem. Criticou Panécio por não haver tratado do dever para consigo mesmo.

APOLÔNIO DE TIRO (século I a.C.)

Época: século I a.C.

Obras principais: *Tábua dos Filósofos da Escola de Zenão e de Seus Livros*

Catálogo biobibliográfico usado por Diógenes Laércio, base de quase tudo o que sabemos sobre a sucessão dos escolarcas.

ATÉNODORO CORDILIÃO (século I a.C.)

Época: século I a.C.

Obras principais: nenhuma preservada

Guardião da biblioteca de Pérgamo. Acusado de expurgar dos livros de Crisipo as passagens que julgava heterodoxas. Catão, o Jovem, foi buscá-lo pessoalmente e o levou consigo para Roma, onde viveu e morreu em sua casa.

CÁIO ATÉNODORO CANANITA (c. 74 a.C. a 7 d.C.)

Época: séculos I a.C. e I d.C.

Obras principais: *Contra as Categorias e Passeios*, perdidas

Nascido perto de Tarso, discípulo de Posidônio em Rodas. Preceptor e conselheiro de Otaviano, a quem teria aconselhado a recitar as vinte e quatro letras do alfabeto antes de ceder à ira. Reorganizou a administração de Tarso na velhice.

PÚBLIO RUTÍLIO RUFO (c. 158 a 78 a.C.)

Época: séculos II e I a.C.

Obras principais: *História de Roma*, escrita em grego no exílio, e *uma Autobiografia*, ambas perdidas

Cônsul romano, discípulo de Panécio. Condenado injustamente por concussão, recusou defender-se com apelos emocionais e exilou-se voluntariamente na província que teria espoliado, onde foi recebido com honras. Exemplo romano precoce da constância estoica.

QUINTO ÉLIO TUBERÃO (século II a.C.)

Época: século II a.C.

Obras principais: nenhuma preservada

Sobrinho de Cipião Emiliano, estoico de rigidez proverbial. Perdeu uma eleição por servir banquete austero demais no funeral do tio.

LÉLIO, O SÁBIO, E ESPÚRIO MÚMIO

Época: século II a.C.

Obras principais: discursos, preservados em fragmentos por Cícero

Romanos do Círculo dos Cipiões formados pela pregação de Panécio e de Diógenes da Babilônia. Lélío é o protagonista do diálogo ciceroniano sobre a amizade.

MARCO PÓRCIO CATÃO DE ÚTICA (95 a 46 a.C.)

Época: século I a.C.

Obras principais: discursos ao Senado, perdidos. Deixou a vida, não o livro

Não escreveu filosofia, encarnou-a. Formado por Antípater de Tiro e por Aténodoro Cordilião. Seu suicídio em Útica, para não receber o perdão de César nem legitimar a tirania, foi adotado pelos estoicos imperiais como o exemplo supremo do sábio. Cícero, em *Do Sumo Bem* e *do Sumo Mal*, faz dele o porta-voz da ética estoica. Sêneca, Lucano e Marco Aurélio o converteram em ícone moral.

PÓRCIA CATÔNIS (c. 70 a 42 a.C.)

Época: século I a.C.

Obras principais: nenhuma

Filha de Catão de Útica, esposa de Bruto. Feriu voluntariamente a própria coxa para provar que suportaria a dor e o segredo da conspiração. Figura feminina da constância romana.

V. ESTOICISMO ROMANO OU IMPERIAL, AS QUATRO VOZES MAIORES

Séculos I e II depois de Cristo. Um cortesão, um exilado, um escravo e um imperador. É deles que restam obras inteiras, e é por eles que o mundo ainda conhece a Stoa.

LÚCIO ANEU SÊNECA (c. 4 a.C. a 65 d.C.)

Época: século I d.C.

Obras principais: *Cartas Morais a Lucílio* e *Sobre a Brevidade da Vida*

Nascido em Córdoba, na Hispânia. Formado por Átalo, Sótion e Papírio Fabiano. Preceptor e depois conselheiro de Nero, homem de imensa fortuna, exilado na Córsega por oito anos, obrigado ao suicídio por ordem imperial em 65. Escreveu ainda os Diálogos, Sobre a Tranquilidade da Alma, Sobre a Ira, Sobre a Clemência, Sobre a Constância do Sábio, Sobre a Providência, Sobre o Ócio, Sobre os Benefícios, as três Consolações, as Questões Naturais e nove tragédias. É a fonte latina mais viva do estoicismo, voltada ao tempo, à morte, à amizade, à consolação e ao exame de consciência diário.

GAIO MUSÔNIO RUFO (c. 30 a 100 d.C.)

Época: século I d.C.

Obras principais: *Discursos*, transcritos pelo discípulo Lúcio, e os *Fragmentos sobre a Educação das Mulheres*

Cavaleiro romano da ordem equestre, chamado o Sócrates romano. Exilado duas vezes, uma delas para a ilha árida de Giaros. Mestre de Epicteto. Ensinou que a filosofia deve ser prática de vida imediata, não recitação teórica. Sustentou que as mulheres possuem a mesma inclinação para a virtude e devem estudar filosofia igualmente aos homens, que as filhas devem ser educadas como os filhos, que não se deve expor recém-nascidos, que o trabalho da terra é a ocupação mais digna do filósofo e que a alimentação simples é o primeiro exercício da temperança.

EPICTETO (c. 50 a 135 d.C.)

Época: séculos I e II d.C.

Obras principais: *Encheirídion (Manual)* e *Diatribes (Discursos)*, ambas registradas por Arriano

Nascido escravo em Hierápolis, na Frígia. Escravo de Epafrodito, liberto de Nero. Coxo por toda a vida. Estudou com Musônio Rufo. Ensinou em Roma até a expulsão dos filósofos decretada por Domiciano, e fundou escola em Nicópolis, no Épiro. Nada escreveu. Formulou a distinção capital entre o que depende de nós, o juízo, o impulso, o desejo, e o que não depende, o corpo, a reputação, os bens. Elaborou a disciplina tríplice do desejo, da ação e do assentimento, e a doutrina da prohaíresis, a faculdade moral da escolha, único bem verdadeiro.

MARCO AURÉLIO ANTONINO (121 a 180 d.C.)

Época: século II d.C.

Obras principais: *Pensamentos (Ta Eis Heauton)*, também chamada *Meditações*. Não escreveu outra

Imperador romano de 161 a 180. Formado por Júnio Rústico, que lhe deu a ler as lições de Epicteto, por Apolônio de Cálcis, por Cláudio Máximo e por Cina Catulo. Escreveu em grego, nos acampamentos das guerras marcomanas às margens do Granua e em Carnunto, os doze livros dos Pensamentos, cadernos de exercício espiritual não destinados à publicação. Meditou sobre a impermanência, o dever público, a fraternidade cósmica dos seres racionais, a aceitação amorosa do destino e o exame do princípio diretor. É o último grande nome da escola antiga.

VI. MESTRES, TEÓRICOS E TESTEMUNHAS DO PERÍODO IMPERIAL

ARIO DÍDIMO (século I a.C. a I d.C.)

Época: séculos I a.C. e I d.C.

Obras principais: *Epítome da Ética Estoica* e *Epítome da Física Estoica*, conservados por Estobeu

Filósofo da corte de Augusto, seu amigo pessoal e consolador de Lívía. Doxógrafo de extrema importância. Seus epítomes fornecem a exposição mais clara e sistemática da ética estoica antiga e média que chegou até nós.

QUINTO SÉXTIO (século I a.C.)

Época: século I a.C.

Obras principais: *Sentenças, perdidas, conhecidas por Sêneca*

Fundador da Escola dos Sêxtios em Roma, que mesclava o rigor prático do estoicismo com elementos pitagóricos e cínicos. Recusou o laticlavo oferecido por César para dedicar-se à filosofia. Influenciou o método de autoexame noturno adotado por Sêneca. Seu filho, Séxtio Níger, continuou a escola.

SÓTION DE ALEXANDRIA E PAPÍRIO FABIANO (século I d.C.)

Época: século I d.C.

Obras principais: *Sobre a Abstinência de Carnes, de Sótion, e Causas Naturais, de Fabiano, ambas perdidas*

Mestres de Sêneca na escola sextiana. Sótion o converteu por um ano ao vegetarianismo. Fabiano foi elogiado por sua eloquência despojada.

ÁTALO, O ESTOICO (século I d.C.)

Época: século I d.C.

Obras principais: *nenhuma preservada*

Mestre de Sêneca, que dele recolheu a doutrina da pobreza voluntária e a prática da premeditação dos males futuros. Foi expulso de Roma por Sejano.

LÚCIO ANEU CORNUTO (c. 20 a 65 d.C.)

Época: século I d.C.

Obras principais: *Compêndio das Tradições Teológicas Gregas*

Estoico de origem líbia que viveu em Roma. Mestre e mentor do poeta Pérsio, provavelmente também de Lucano. No *Compêndio*, aplica a alegorese e a etimologia para reduzir os mitos gregos à física do logos. Banido por Nero.

AULO PÉRSIO FLACO (34 a 62 d.C.)

Época: século I d.C.

Obras principais: *Sátiras, seis peças*

Poeta satírico, discípulo de Cornuto, escreveu sobre a liberdade interior e a corrupção do desejo, aplicando a doutrina estoica ao exame dos vícios romanos.

MARCO ANEU LUCANO (39 a 65 d.C.)

Época: século I d.C.

Obras principais: *Farsália (Bellum Civile)*

Sobrinho de Sêneca. Faz de Catão de Útica o herói moral absoluto, contra César e contra os deuses, cristalizando a leitura republicana e estoica da guerra civil. Obrigado ao suicídio aos vinte e cinco anos.

MARCO MANÍLIO (século I d.C.)

Época: século I d.C.

Obras principais: *Astronomica, cinco livros*

Poema didático que expõe uma cosmologia estoica de destino, providência e simpatia universal. É a formulação poética mais completa da física estoica em latim.

CHÉREMON DE ALEXANDRIA (século I d.C.)

Época: século I d.C.

Obras principais: *Sobre os Hieróglifos e História do Egito, perdidas*

Sacerdote egípcio, escriba sagrado e filósofo estoico, bibliotecário do Museu, tutor do jovem Nero. Interpretou os ritos egípcios à luz da física estoica, e descreveu os sacerdotes de seu país como modelo de vida ascética.

EUFRADES DE TIRO (c. 35 a 118 d.C.)

Época: séculos I e II d.C.

Obras principais: nenhuma preservada

Discípulo de Musônio Rufo. Retratado com admiração por Plínio, o Jovem, e por Epicteto, que o citava como exemplo de filósofo que não ostentava a filosofia. Obteve permissão de Adriano para pôr fim à própria vida bebendo cicuta, já muito idoso e enfermo.

FLÁVIO ARRIANO (c. 86 a 160 d.C.)

Época: século II d.C.

Obras principais: as *Diatribes* e o *Encheirídion* de Epicteto, que registrou, e a *Anábase de Alexandre*

Discípulo de Epicteto em Nicópolis, depois cônsul romano, governador da Capadócia e historiador de Alexandre. Sem seus cadernos de aula, nada saberíamos das lições do mestre.

HIÉROCLES, O ESTOICO (século II d.C.)

Época: século II d.C.

Obras principais: *Elementos de Ética (Ethike Stoiceiosis)*, recuperados em papiro, e os fragmentos *Sobre os Deveres*

Fundamentou a ética na oikéiosis, a apropriação, mostrando que o animal tem, antes de tudo, a percepção de si. Formulou a doutrina dos círculos concêntricos da afeição, defendendo que o indivíduo deve puxar os círculos externos, os estranhos, os concidadãos, a humanidade, em direção ao centro, tratando o estrangeiro como irmão. É a raiz filosófica do cosmopolitismo estoico.

CLEOMEDES (entre os séculos I e II d.C.)

Época: datação incerta

Obras principais: *Sobre os Movimentos Circulares dos Corpos Celestes*, única conhecida

Astrônomo de orientação estoica. Preservou o método de Eratóstenes e de Posidônio para a medição da Terra e a doutrina estoica do vazio extracósmico.

JÚNIO RÚSTICO, CLÁUDIO MÁXIMO, CINA CATULO, APOLÔNIO DE CÁLCIS E SEXTO DE QUERONEIA

Época: século II d.C.

Obras principais: nenhuma preservada

Mestres do círculo antonino, nomeados por Marco Aurélio no primeiro livro dos *Pensamentos*, que a cada um deles agradece uma virtude aprendida. Rústico foi quem lhe entregou as lições de Epicteto.

GALENO DE PÉRGAMO (129 a c. 216 d.C.)

Época: séculos II e III d.C.

Obras principais: *Sobre as Doutrinas de Hipócrates e de Platão* e *Sobre o Diagnóstico e a Cura das Paixões da Alma*

Médico, não estoico, mas crítico interno indispensável. Ao refutar Crisipo e Posidônio, preserva longos trechos de ambos sobre a psicologia das paixões. Boa parte do que sabemos da alma estoica devemos ao seu ataque.

VII. A OPOSIÇÃO ESTOICA AO PRINCIPADO

Não escreveram tratados. Escreveram com a vida. Foram exilados, silenciados e mortos por não aceitarem a lisonja como forma de sobrevivência.

RÚBELIO PLAUTO (33 a 62 d.C.)

Época: século I d.C.

Obras principais: nenhuma

Nobre romano descendente de Augusto por via materna. Adotou a filosofia estoica sob a influência de Musônio Rufo, que o acompanhou ao exílio na Ásia. Recusou-se a resistir pelas armas e foi executado por Nero.

PÚBLIO CLÓDIO TRÁSEA PETO (falecido em 66 d.C.)*Época: século I d.C.**Obras principais: Vida de Catão, perdida*

Senador, líder moral da oposição estoica sob Nero. Casado com Arria, a Jovem, filha de Arria, a Velha, que enterrara o punhal no próprio peito dizendo ao marido que não doía. Condenado pelo Senado, cortou as veias oferecendo o sangue em libação a Júpiter Libertador.

QUINTO MÁRCIO BAREA SORANO E SÉRVILIA*Época: século I d.C.**Obras principais: nenhuma*

Senador estoico condenado junto com Trásea, e sua filha, acusada de consultar magos para salvar o pai.

HELVÍDIO PRISCO (falecido c. 75 d.C.)*Época: século I d.C.**Obras principais: discursos ao Senado, perdidos*

Genro de Trásea Peto, discípulo de Musônio. Opositor de Nero e depois de Vespasiano. Recusou o silêncio obsequioso, dizendo ao imperador que este podia matá-lo, mas que ele diria o que julgasse justo. Exilado repetidas vezes e por fim executado. Citado por Epicteto como modelo do homem que sabe o que está em seu poder.

FÂNIA (século I d.C.)*Época: século I d.C.**Obras principais: nenhuma. Encomendou e guardou a biografia do marido*

Filha de Trásea Peto, esposa de Helvídio Prisco. Exilada duas vezes, arriscou a vida para preservar a memória escrita do marido. Louvada por Plínio, o Jovem. Presença feminina ativa no círculo da resistência ética.

PACÔNIO AGRIPINO (século I d.C.)*Época: século I d.C.**Obras principais: nenhuma preservada*

Modelo de serenidade citado por Epicteto. Ao saber que o Senado deliberava sobre a sua condenação, respondeu que iria fazer o exercício da terceira hora, e ao receber a notícia do exílio saiu tranquilamente para almoçar em Arícia.

DEMÉTRIO, O CÍNICO (século I d.C.)*Época: século I d.C.**Obras principais: nenhuma*

Cínico, não estoico, mas amigo e modelo de Sêneca e de Trásea. Sua presença marca a permanente vizinhança entre a Stoa e o cinismo, sua raiz.

JÚLIO CANO E MÉTILIO ROFO*Época: século I d.C.**Obras principais: nenhuma*

Condenados sob Calígula e sob Nero, lembrados por Sêneca como exemplos de morte serena. Cano jogava xadrez quando o centurião veio buscá-lo, e pediu que testemunhassem que ia ganhando.

VIII. A TRANSMISSÃO ANTIGA, FONTES E CRÍTICOS

Da Stoa antiga não restou um único tratado inteiro, exceto o Hino a Zeus. Tudo o que sabemos chegou por quem a resumiu, por quem a atacou, e por quem, muito depois, recolheu os cacos.

MARCO TÚLIO CÍCERO (106 a 43 a.C.)

Época: século I a.C.

Obras principais: *Dos Deveres (De Officiis)* e *Do Sumo Bem e do Sumo Mal (De Finibus)*

Acadêmico cético, não estoico, mas o maior transmissor latino da doutrina. Em *Da Natureza dos Deuses*, *Da Adivinhação*, *Do Destino*, *Disputas Tusculanas* e *Paradoxos dos Estoicos* expõe e discute a Stoa com uma precisão sem a qual nada restaria de Panécio, Diógenes, Antípater e Hecató.

DIÓGENES LAÉRCIO (século III d.C.)

Época: século III d.C.

Obras principais: *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*

O livro VII de sua obra é o resumo mais completo do sistema estoico antigo que chegou até nós.

JOÃO ESTOBEU (século V d.C.)

Época: século V d.C.

Obras principais: *Antologia (Florilegium)*

Compilador que preservou o epítome de Ário Dídimo e os fragmentos de Hiérocles. Sem ele, a ética estoica antiga seria irreconhecível.

PLUTARCO DE QUERONEIA (c. 46 a 120 d.C.)

Época: séculos I e II d.C.

Obras principais: *Sobre as Contradições dos Estoicos* e *Sobre as Noções Comuns*

Platônico. Suas objeções conservam centenas de fragmentos de Crisipo.

SEXTO EMPÍRICO (séculos II ou III d.C.)

Época: séculos II ou III d.C.

Obras principais: *Contra os Professores (Adversus Mathematicos)* e *Esboços Pirrônicos*

Cético que preservou, ao refutá-la, quase toda a epistemologia e a lógica estoicas.

ALEXANDRE DE AFRODÍSIAS (séculos II e III d.C.)

Época: séculos II e III d.C.

Obras principais: *Sobre o Destino* e *Sobre a Mistura*

Peripatético. Conserva, criticando-as, a doutrina estoica da causalidade e da krasis, a mistura total dos corpos.

SIMPLÍCIO DE CILÍCIA (século VI d.C.)

Época: século VI d.C.

Obras principais: *Comentário ao Encheiridion de Epicteto*

Neoplatônico, garantiu a sobrevivência do texto de Epicteto no Oriente cristão.

HANS VON ARNIM (1859 a 1931)

Época: séculos XIX e XX

Obras principais: *Stoicorum Veterum Fragmenta*, quatro volumes, de 1903 a 1905

Filólogo austríaco. Reuniu todos os fragmentos da Stoa antiga, base de todo o estudo moderno.

IX. A RECEPÇÃO CRISTÃ E MEDIEVAL

O estoicismo não sobreviveu como escola. Sobreviveu como substrato. Os Padres da Igreja assimilaram sua lei natural, sua noção de logos e sua ascese, e batizaram o que puderam.

SANTO AMBRÓSIO (c. 340 a 397)*Época: século IV**Obras principais: De Officiis Ministrorum*

Transpõe o tratado de Cícero, e o de Panécio por trás dele, para o clero cristão. Substitui a virtude estoica pela caridade e os deveres do cidadão pelos deveres do ministro.

TERTULIANO (c. 155 a 220)*Época: séculos II e III**Obras principais: Da Alma (De Anima) e Do Testemunho da Alma*

Crítica a Stoa e ao mesmo tempo adota a corporeidade da alma. Chama Sêneca frequentemente de nosso.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA (c. 150 a 215) E ORÍGENES (c. 184 a 253)*Época: séculos II e III**Obras principais: Stromata, de Clemente, e Contra Celso, de Orígenes*

Absorvem o vocabulário estoico da oikéiosis, do logos spermatikos e da providência, batizando-o.

SÃO JERÔNIMO (c. 347 a 420) E SANTO AGOSTINHO (354 a 430)*Época: séculos IV e V**Obras principais: A Cidade de Deus, de Agostinho, e Homens Ilustres, de Jerônimo*

Agostinho recusa a apátheia e a substitui pela caridade ordenada, dizendo que o cristão chora com quem chora. A correspondência apócrifa entre Sêneca e São Paulo, forjada no século IV e acolhida por Jerônimo, garantiu a Sêneca lugar de honra na cristandade medieval.

BOÉCIO (c. 480 a 524)*Época: séculos V e VI**Obras principais: A Consolação da Filosofia*

Escrita na prisão, à espera da execução. Funde temas estoicos, platônicos e cristãos sobre a fortuna, a providência e a liberdade. Foi o livro mais lido da Idade Média depois da Bíblia.

X. O NEOESTOICISMO, SÉCULOS XVI E XVII

Nas guerras de religião, quando a Europa se dilacerava, homens de toga e de púlpito voltaram a Sêneca e a Epicteto em busca de constância.

JUSTO LÍPSIO (1547 a 1606)*Época: séculos XVI e XVII**Obras principais: De Constantia e Manuductio ad Stoicam Philosophiam*

Humanista flamengo, fundador do neoestoicismo. Editor de Sêneca e de Tácito, autor ainda da Physiologia Stoicorum. Reconciliou o destino estoico com a providência cristã. Sua constância foi lida por gerações de magistrados e soldados.

GUILLAUME DU VAIR (1556 a 1621)*Época: séculos XVI e XVII**Obras principais: A Filosofia Moral dos Estoicos e Da Constância e Consolação nas Calamidades Públicas*

Magistrado e bispo francês, tradutor do Manual de Epicteto.

PIERRE CHARRON (1541 a 1603)*Época: século XVI**Obras principais: Da Sabedoria (De la Sagesse)*

Sistematiza em chave estoica o ceticismo de Montaigne, seu amigo.

MICHEL DE MONTAIGNE (1533 a 1592)*Época: século XVI**Obras principais: Ensaaios (Les Essais)*

Não estoico ortodoxo, mas leitor constante de Sêneca e de Plutarco. Os primeiros Ensaaios são profundamente estoicos, sobretudo o capítulo em que filosofar é aprender a morrer, tese que ele próprio depois relativizaria.

FRANCISCO DE QUEVEDO (1580 a 1645)*Época: século XVII**Obras principais: A Doutrina Estoica e Constância e Paciência do Santo Jó*

Introduziu o estoicismo cristão na Espanha e traduziu Epicteto em verso.

THOMAS GATAKER (1574 a 1654)*Época: século XVII**Obras principais: edição crítica e tradução latina comentada das Meditações de Marco Aurélio, 1652*

Primeira grande edição científica do texto, base de todas as posteriores.

GERARDUS VOSSIUS, DANIEL HEINSIUS E CASPAR SCHOPPE*Época: século XVII**Obras principais: Elementa Philosophiae Stoicae Moralis, de Schoppe, e as edições críticas de Heinsius*

Filólogos que consolidaram o corpus estoico na Europa moderna.

FRANCISCO SUÁREZ (1548 a 1617) E HUGO GRÓCIO (1583 a 1645)*Época: séculos XVI e XVII**Obras principais: Das Leis, de Suárez, e Do Direito da Guerra e da Paz, de Grócio*

Não estoicos, mas herdeiros da lei natural estoica, mediada por Cícero, na fundação do direito internacional moderno.

XI. A HERANÇA MODERNA, SÉCULOS XVII A XIX

RENÉ DESCARTES (1596 a 1650)*Época: século XVII**Obras principais: Discurso do Método e As Paixões da Alma*

Na terceira máxima da moral provisória, retoma quase literalmente Epicteto, propondo vencer-se a si mesmo antes que à fortuna, e mudar antes os próprios desejos que a ordem do mundo.

BENTO DE ESPINOSA (1632 a 1677)*Época: século XVII**Obras principais: Ética Demonstrada à Maneira dos Geômetras*

A identificação de Deus com a natureza, o determinismo integral, a servidão das paixões como ideias inadequadas e a liberdade como conhecimento da necessidade são profundamente próximas da Stoa, ainda que Espinosa critique nominalmente o livre-arbítrio estoico.

GOTTFRIED LEIBNIZ (1646 a 1716), JOSEPH BUTLER (1692 a 1752) E O TERCEIRO CONDE DE SHAFTESBURY (1671 a 1713)*Época: séculos XVII e XVIII**Obras principais: Askemata, de Shaftesbury, e a Teodiceia, de Leibniz*

Shaftesbury manteve cadernos privados de exercício espiritual, escritos à maneira de Marco Aurélio e de Epicteto, publicados só no século XX.

ADAM SMITH (1723 a 1790)*Época: século XVIII**Obras principais: Teoria dos Sentimentos Morais*

Constrói o espectador imparcial a partir da oikeíosis e do autocomando estoicos, que discute longamente na sétima parte da obra.

IMMANUEL KANT (1724 a 1804)*Época: século XVIII**Obras principais: Fundamentação da Metafísica dos Costumes e Crítica da Razão Prática*

Retoma a autonomia da razão prática, o dever como único bem incondicionado e o reino dos fins, criticando os estoicos por confundirem a virtude com a santidade.

RALPH WALDO EMERSON (1803 a 1882) E HENRY DAVID THOREAU (1817 a 1862)*Época: século XIX**Obras principais: Ensaaios, de Emerson, e Walden, de Thoreau*

O transcendentalismo americano leu Marco Aurélio e Epicteto como manuais de autoconfiança e de vida deliberada.

MATTHEW ARNOLD (1822 a 1888) E ERNEST RENAN (1823 a 1892)*Época: século XIX**Obras principais: Marco Aurélio e o Fim do Mundo Antigo, de Renan, e os Ensaaios de Crítica, de Arnold*

Consagraram Marco Aurélio como o santo laico da modernidade.

FRIEDRICH NIETZSCHE (1844 a 1900)*Época: século XIX**Obras principais: Além do Bem e do Mal e A Gaia Ciência*

Crítico agudo, acusa os estoicos de projetarem a própria moral sobre a natureza e de a chamarem depois de lei. Ao mesmo tempo formula, no amor fati, a mais estoica de suas doutrinas.

ARTHUR SCHOPENHAUER, JOHN STUART MILL E PIERRE-JOSEPH PROUDHON*Época: século XIX**Obras principais: O Mundo como Vontade e Representação, de Schopenhauer, e O Utilitarismo, de Mill*

Leitores e interlocutores críticos da ética estoica. Schopenhauer reconhece na Stoa o mais alto esforço da razão prática, e a considera insuficiente.

XII. O ESTOICISMO CONTEMPORÂNEO, SÉCULOS XX E XXI

A REDESCOBERTA ACADÊMICA

PIERRE HADOT (1922 a 2010)*Época: séculos XX e XXI**Obras principais: A Cidadela Interior e O que é a Filosofia Antiga?*

Historiador francês. Recuperou a noção de exercício espiritual e mostrou que a filosofia antiga, e o estoicismo em particular, era antes de tudo uma maneira de viver, não um sistema de proposições.

ANTHONY A. LONG E DAVID SEDLEY*Época: séculos XX e XXI**Obras principais: Os Filósofos Helenísticos, de ambos, e Epicteto, um Guia Estoico e Socrático para a Vida, de Long*

A coletânea de fontes de 1987 reorganizou o estudo do estoicismo no mundo anglófono.

BRAD INWOOD*Época: séculos XX e XXI**Obras principais: Ethics and Human Action in Early Stoicism e o Cambridge Companion to the Stoics*

Especialista em ética e teoria da ação estoicas.

LAWRENCE C. BECKER (1939 a 2018)*Época: séculos XX e XXI**Obras principais: A New Stoicism*

Tentativa rigorosa de reconstruir a ética estoica sem a teologia providencialista, substituindo a natureza cósmica pela ciência contemporânea. É a obra sistemática mais ambiciosa do estoicismo moderno.

MARTHA NUSSBAUM*Época: séculos XX e XXI**Obras principais: A Terapia do Desejo e Upheavals of Thought*

Expõe e critica a teoria estoica das emoções, aceitando sua estrutura cognitiva e recusando sua extirpação.

CHRISTOPHER GILL, MARGARET GRAVER, TAD BRENNAN, JULIA ANNAS, KATJA MARIA VOGT, RICHARD SORABJI, JACQUES BRUNSCHWIG, MAXIMILIAN FORSCHNER E GRETCHEN REYDAMS-SCHILS*Época: séculos XX e XXI**Obras principais: Stoicism and Emotion, de Graver, The Stoic Life, de Brennan, e The Roman Stoics, de Reydam-Schils*

Núcleo da erudição estoica contemporânea, dedicado à psicologia das paixões, à teoria da ação, à lógica e ao estoicismo romano da vida em família e na cidade.

A APROPRIAÇÃO PSICOLÓGICA E CLÍNICA**ALBERT ELLIS (1913 a 2007)***Época: século XX**Obras principais: Razão e Emoção em Psicoterapia e Como Manter-se Firme*

Fundador da terapia racional emotiva. Declarou explicitamente que sua tese central, a de que não são os fatos que perturbam os homens, mas os juízos que formam sobre os fatos, vem do capítulo quinto do Manual de Epicteto.

AARON T. BECK (1921 a 2021)*Época: séculos XX e XXI**Obras principais: Terapia Cognitiva da Depressão e Cognitive Therapy and the Emotional Disorders*

Fundador da terapia cognitiva, reconhece nas raízes filosóficas do método a doutrina estoica do juízo e da representação.

VIKTOR FRANKL (1905 a 1997)*Época: século XX**Obras principais: Em Busca de Sentido e A Vontade de Sentido*

Não estoico, mas a logoterapia e a afirmação da liberdade última de escolher a atitude diante do inevitável são inteiramente convergentes com a Stoa.

JAMES B. STOCKDALE (1923 a 2005)*Época: século XX**Obras principais: Courage Under Fire e Thoughts of a Philosophical Fighter Pilot*

Almirante norte-americano, prisioneiro de guerra por sete anos e meio no Vietnã. Atribuiu ao Manual de Epicteto, que estudara antes de ser abatido, a sua sobrevivência moral.

O ESTOICISMO MODERNO COMO MOVIMENTO

WILLIAM B. IRVINE*Época: século XXI**Obras principais: Uma Vida Boa e O Desafio Estoico*

Popularizou a visualização negativa como técnica de gratidão.

MASSIMO PIGLIUCCI*Época: século XXI**Obras principais: Como Ser um Estoico e A Field Guide to a Happy Life*

Filósofo e biólogo, principal divulgador acadêmico do movimento.

DONALD ROBERTSON*Época: século XXI**Obras principais: Pense como um Imperador Romano e A Terapia Cognitivo-Comportamental Estoica*

Psicoterapeuta, artífice da ponte entre a Stoa e a clínica.

JOHN SELLARS*Época: século XXI**Obras principais: Lições de Estoicismo e A Filosofia como Modo de Vida*

Também historiador acadêmico da escola.

RYAN HOLIDAY*Época: século XXI**Obras principais: O Obstáculo é o Caminho e O Diário Estoico*

Responsável pela difusão massiva e popular da doutrina.

NANCY SHERMAN*Época: século XXI**Obras principais: Stoic Warriors e Stoic Wisdom*

Ética militar, dano moral e resiliência.

KAI WHITING*Época: século XXI**Obras principais: Being Better*

Articula estoicismo, justiça social e sustentabilidade ambiental.

JULES EVANS, CHUCK CHAKRAPANI, MICHAEL TREMBLAY, GREG SADLER E TANNER CAMPBELL*Época: século XXI**Obras principais: Philosophy for Life, de Evans, e The Good Life Handbook, de Chakrapani*

Divulgadores e praticantes do estoicismo contemporâneo. Desde 2012 organizam-se anualmente a Semana Estoica e o congresso Stoicon, sob a iniciativa Modern Stoicism, reunindo filósofos, psicólogos e praticantes de todos os continentes.

XIII. CORREÇÕES E ADVERTÊNCIAS SOBRE ATRIBUIÇÕES DUVIDOSAS

PRIMEIRO. Não existe um Fílon de Larissa estoico. Fílon de Larissa foi o último escolarca da Academia Cética, mestre de Cícero. O nome que provavelmente se buscava é Fílon, o Dialético, da escola megárica, interlocutor de Zenão sobre a implicação condicional.

SEGUNDO. Filóstrato de Alexandria foi sofista, não filósofo estoico. Não deve figurar na lista da Stoa.

TERCEIRO. Aténodoro Cordilião foi guardião da biblioteca de Pérgamo, não de Rodes.

QUARTO. Musônio Rufo não foi tutor de Rubélio Plauto, mas seu companheiro de exílio e conselheiro filosófico.

QUINTO. Bóeto de Sídón exige distinção. Há um estoico e um peripatético com o mesmo nome, frequentemente confundidos na doxografia.

SEXTO. Hiérocles, o estoico, do século II, não se confunde com Hiérocles de Alexandria, neoplatônico do século V.

SÉTIMO. Cleomedes é hoje datado entre o século I e o século II da era cristã, sem consenso firme.

OITAVO. Herilo de Cartago é do século III a.C., discípulo de Zenão, e não pertence à lista dos nomes menores da Stoa tardia.

NONO. O Zenão de Sídón citado entre os discípulos de Zenão de Cítio não é o epicurista homônimo, mestre de Fedro e de Filodemo, do século I a.C.

TERCEIRA PARTE

A Doutrina e o Fruto

XIV. O ARCABOUÇO DOUTRINÁRIO

A filosofia estoica dividia-se em três partes, comparadas a um pomar. A lógica era o muro, a física a terra e as árvores, a ética o fruto. Também a um ovo, sendo a lógica a casca, a física a clara, a ética a gema. E ainda a um ser vivo, sendo a lógica os ossos e os tendões, a física a carne, a ética a alma.

A lógica compreendia a retórica, a dialética, a teoria do critério e a semântica. Seu centro é a representação compreensiva, aquela que vem do objeto real, é impressa conforme o objeto e não poderia vir de outro. Diante da representação, cabe ao homem o assentimento, único ato inteiramente seu.

A física afirmava um cosmo único, corpóreo, finito, cercado de vazio infinito, atravessado por um pneuma, sopro ígneo e racional, que é Deus imanente, providência, natureza e destino. Dois princípios, um ativo e um passivo, tudo constituem. Tudo se encadeia em causas, e o universo se consome periodicamente em conflagração, ekpýrosis, para renascer idêntico no eterno retorno.

A ética estabelecia que somente a virtude é bem, somente o vício é mal, e tudo mais é indiferente, ainda que existam indiferentes preferidos, como a saúde, a riqueza e a boa fama, e preteridos, como a doença, a pobreza e a infâmia. As quatro virtudes cardeais são a prudência, a justiça, a coragem e a temperança, e todas se reciprocam, de modo que quem tem uma, tem todas. As paixões são juízos errados sobre o bem e o mal, e o sábio delas se liberta, alcançando a apátheia, que não é insensibilidade, mas ausência de perturbação, restando-lhe as boas afecções, a alegria, a cautela e o querer.

Entre o sábio e o insensato não há intermediário no ser, mas há o caminho, e o caminhante é o prokóptôn, aquele que progride. O fim é viver segundo a natureza, isto é, segundo a razão, que é a natureza própria do homem e a natureza do todo. Daí a oikeíosis, apropriação progressiva que parte do cuidado de si, alcança a família, a cidade, e se estende à humanidade inteira, fundando a cidadania cósmica.

XV. TRANSMISSÃO E FORTUNA

Da Stoa antiga não sobreviveu nenhum tratado completo, exceto o Hino a Zeus de Cleantes. Conhecemo-la por fragmentos reunidos por Hans von Arnim nos Stoicorum Veterum Fragmenta, e por testemunhos de Diógenes Laércio, Cícero, Plutarco, Sexto Empírico, Estobeu, Galeno, Alexandre de Afrodísias e pelos papiros carbonizados de Herculano. Do estoicismo imperial restam obras inteiras, Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio, o que explica a imagem popular do estoicismo como pura ética prática, quando foi um sistema completo de mundo, com física, lógica, teologia, gramática, cosmologia e teoria política.

A doutrina alimentou o direito romano pela noção de lei natural, marcou os Padres da Igreja, foi lida por Santo Ambrósio no De Officiis Ministrorum, atravessou Boécio, reapareceu no neoestoicismo de Justo Lúpsio, moldou Montaigne, Descartes, Espinosa, Adam Smith e Kant, foi combatida e assimilada por Nietzsche, ressurgiu na psicologia cognitiva de Ellis e de Beck, sustentou Stockdale no cativeiro, e hoje volta a ser praticada como exercício espiritual em torno da virtude, da resiliência e do cuidado do mundo comum.

XVI. RESSONÂNCIAS DO ESTOICISMO NO PENSAMENTO AGROSÓFICO BRASILEIRO

AINOR FRANCISCO LOTÉRIO (1961)

Época: séculos XX e XXI.

Obras principais para este diálogo: A Eternidade em Nós e Um Minuto de Inspiração.

Obras correlatas: Paixão pelo Cooperativismo e Pais Frouxos, Filhos Sofredores; Pais Firmes, Filhos Felizes.

Não é filósofo estoico, e não pretende sê-lo. É agrônomo, filósofo, teólogo e Diácono Permanente, criador da Agrosofia, filosofia de vida que integra a sabedoria agrícola, os valores humanísticos e a sustentabilidade, elaborada ao longo de mais de quinze anos na Chácara Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú. Sua matriz é o Evangelho, não o Pórtico. Ainda assim, quatro pontos de contato merecem registro nesta lista, pelo mesmo critério que aqui admite Espinosa, Kant, Frankl e Stockdale, nenhum deles estoico.

Primeiro, a Inteligência Orientada, que ensina a governar o pensamento antes da emoção rumo à autonomia racional, dialoga diretamente com a doutrina crispeana das paixões como juízos e com a disciplina do assentimento em Epicteto. A diferença é decisiva. Lotério não busca a apátheia, e sim a alma ordenada pela graça.

Segundo, o espaço entre o estímulo e a resposta, tema recorrente de suas conferências e escritos, é a formulação contemporânea daquilo que a Stoa chamava de suspensão do assentimento diante da representação. Onde Epicteto dizia que não são as coisas que perturbam os homens, mas as opiniões que deles formam, Lotério diz que entre o que acontece e o que fazemos existe sempre um intervalo, e que nesse intervalo mora a liberdade.

Terceiro, A Eternidade em Nós trata da finitude, do legado e da permanência, aproximando-se do exame senequiano do tempo em Sobre a Brevidade da Vida. Também aqui a diferença é decisiva. Em Sêneca, a eternidade é a dissolução no logos cósmico. Em Lotério, é o encontro pessoal com Deus, dentro da aliança plena entre o Criador, o próprio homem e o companheiro de vida, triângulo em que as duas entidades visíveis configuram a pessoa para o dia do encontro com a primeira, invisível.

Quarto, Paixão pelo Cooperativismo prolonga em chave associativa e cristã aquilo que Hiérocles chamou de oikéiosis, a apropriação que parte do cuidado de si e alcança a família, a comunidade e a humanidade inteira. Onde o estoico traça círculos concêntricos, o cooperativista traça o elo. Onde o estoico contempla a cidade cósmica, o agrosófico cultiva a comunidade rural concreta, a terra reflorestada com garapuvu e ipê, a mesa partilhada. O que em Hiérocles é exercício mental de aproximação dos círculos, em Lotério é ato, assembleia, cooperativa, sucessão familiar.

Um Minuto de Inspiração pertence, formalmente, a um gênero antigo, o das sentenças breves destinadas ao exercício espiritual diário, o mesmo gênero dos Pensamentos de Marco Aurélio e das Sentenças de Quinto Séxtio. O que os separa é o destinatário e o fim. O imperador escrevia para si mesmo, sem Deus pessoal a quem se dirigir. O diácono escreve para o outro, e diante de Deus.

Onde a Stoa dizia viver conforme a natureza, a Agrosafia diz viver conforme a Criação. A diferença de uma palavra é a diferença de um mundo. A natureza estoica é providente, mas não ama. A Criação agrosófica é obra de um Pai. Por isso o estoico aceita o destino, e o agrosófico agradece o dom.

A lição permanente da Stoa é simples e severa. Não são as coisas que perturbam os homens, mas os juízos que os homens formam sobre as coisas. E entre o estímulo e a resposta existe sempre um espaço. Nesse espaço está a nossa liberdade. A Agrosafia acrescenta que, nesse mesmo espaço, está também a graça.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério

Nasci em 27 de janeiro de 1961, na Comunidade de Campestre, município de Vidal Ramos, Santa Catarina, filho de Auri Fábio Lotério e Érica Laurentino Lotério. Meu pai foi cooperativista fundador da CRAVIL. Aprendi o cooperativismo antes de saber que ele tinha nome, e aprendi a filosofia da terra antes de saber que a filosofia existia.

Sou agrônomo, filósofo, teólogo e Diácono Permanente desde 2003. Percorri quatro décadas de extensão rural na Acaresc e na Epagri, onde cheguei a diretor estadual. Fui Prefeito de Camboriú, assessor legislativo na Assembleia Legislativa de Santa Catarina e consultor do setor cooperativo junto à Emater-RS e Ascar. Apresento o programa de rádio Alegria de Viver desde 1989.

Nesse caminho, que começou na enxada e passou pela universidade, pela política e pelo altar, fui reconhecendo que a terra ensina o que os livros apenas confirmam. Dessa longa escuta nasceu a Agrosafia, filosofia de vida que integra a sabedoria agrícola, os valores humanísticos e a sustentabilidade, e que hoje se cultiva concretamente na Chácara Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú, onde reflorestei encostas com garapuvu e ipê, espécies nativas da Mata Atlântica.

Percorri os filósofos estoicos porque a ligação entre o homem e a natureza, que é o coração da Agrosafia, encontra neles a mais antiga e a mais nobre formulação filosófica do Ocidente. Encontrei ali disciplina, coragem e dignidade. E encontrei também o limite. Porque a natureza dos estoicos é providente, e não ama. A Criação, sim. Foi por isso que a filosofia me conduziu à teologia, e a teologia ao amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é onde a razão descansa e o coração encontra casa.

Respeito Deus, respeito o trabalho e respeito a terra, três coisas que na minha vida nunca estiveram separadas. Sou casado com Ana Maria Rebelo Lotério, pai de Ainor Manoel Lotério, casado com Daniele Zambiasi, e de Lucas Manuel Lotério, casado com Letícia Silveira, e avô de Helena, Maria e Luiza. É deles, e para eles, que planto árvores cuja sombra não usarei.

Sou autor de *Pais Frouxos, Filhos Sofredores; Pais Firmes, Filhos Felizes, A Eternidade em Nós, Paixão pelo Cooperativismo* e *Um Minuto de Inspiração*, além de capítulo em obra coletiva sobre cooperativismo e sucessão familiar no contexto da imigração alemã no Sul do Brasil. Como palestrante, trabalho cinco eixos temáticos, Motivação, Cooperativismo, Comunicação, Longevidade e Agrosafia.

*Eles buscaram, com uma nobreza que me comove,
o que a nós foi dado de graça.*

*Porque não plantamos para nós.
Plantamos porque recebemos.*

PAZ E BEM

*Ainor Francisco Lotério
Camboriú, Santa Catarina*

www.ainor.com.br | ainorfloterio@gmail.com | (47) 99967-5010